

João de Melo
AUTÓPSIA
DE UM MAR DE RUÍNAS

Romance

9.^a edição
revista e reescrita pelo autor



Capítulo Primeiro

– QUEM VEM LÁ? – BRADOU O SOLDADO
DO ALTO DO SEU POSTO DE SENTINELA. OUVIRA
O QUE LHE PARECIA TER SIDO UM SUSPIRO DE CANSAÇO,

a respiração ofegante de uma presença oculta e decerto estranha, um rumor de passos na noite. E não, ele não se tinha deixado dormir. De momento, a única certeza é mesmo essa, a de ter resistido ao sono sem sucumbir ao peso do cansaço. Fumara um cigarro proibido nos turnos de vigia, pusera-se a bater os pés frios no chão de cimento durante breves minutos, de cá para lá no posto, o corpo gelado e húmido sob o cacimbo. Os sentidos todos despertos. Por conseguinte, nem sonho nem alucinação. Apenas uma silhueta difusa, em modo rastejante, a mover-se de mansinho para não ser notada na orla do capim, com a missão de espiar o interior do quartel.

Homem ou bicho?, isso ele não sabia dizê-lo, pelo menos por enquanto. Tratando-se de uma figura algo indistinta na distância, tanto podia ter sido um como o outro. De resto, pareceu-lhe estar já em retirada, na sequência do seu grito de alerta, e como que a preparar o pulo para trás. Não tardaria a correr ao encontro das primeiras árvores que ao longe anunciavam a mata, a qual descia

num declive até ao fundo do vale. Onde o horizonte se fechava. Nada mais se deparara ao olhar tenso, enervado e ansioso do soldado. Noite e mais noite em volta: o estridor dos grilos, um latir de cães em fúria, perto e longe, ora um, ora vários, todo um coro deles em dois bandos distintos – o primeiro a uivar em plena parada do quartel, o outro lá em baixo na sanzala, de guarda às cubatas, a ladrar de focinhos apontados à Lua. A ausência de novos sinais desse invasor não identificado e apenas suposto, ou seja, o mistério das suas intenções, assustava-o mais do que a suspeita de estar a ser vigiado e sob o ponto de mira de uma arma de guerra.

– QUEM VEM LÁ? – repetiu-se o brado de sentinela alerta, com um novo calafrio de pavor na mesma voz sobressaltada de há pouco. O grito voltou a perder-se no seu próprio eco, ante o silêncio do outro, fosse ele quem fosse. O pensamento fixara-se numa única imagem sonora: um chapinhar de pés no meio do capim, a acercar-se do arame farpado. Passos leves sobre a erva; os sons, mais aéreos do que secretos, de um vulto que se movia a coberto do escuro – de alguém que parecia igualmente assustado e precavido. Mas os pés tornaram-se sonoros o bastante para que o militar se pusesse outra vez em guarda, o corpo convertido num rochedo, o lombo arqueado e felino, pronto a disparar sobre ele. Daí a nada, como se lidasse com o pesadelo de um sonho, voltou a divisar-lhe a sombra, uma vez mais sorrateira, breve e apresada. Passagem fugaz, mal riscou a noite iluminada pela luz frágil, amarela, da lâmpada solitária que pendia do alto de um tronco esfolado. De acácia.

Deseja acreditar que ele se prepara para bater em retirada. Vislumbra o desenho em curva do outeiro à sua frente, sobre o qual assenta o ervaçal hirto do capim, que lhe lembra um campo verde de trigo; vê a quietude do renque de canas ao fundo, cujas folhas o vento e a estação das chuvas haviam desgrenhado; e a terra

minada, escura, da chamada zona de morte em redor do aquartelamento. Se era um guerrilheiro, iria agora aos saltinhos para não tropeçar no arame armadilhado, livrando-se de pisar uma mina e ir pelos ares. Lesto como um galgo ou um gato bravo a encobrir-se com as trevas. Mas a verdade é que ele continuava parado, atento, à escuta, com a mesma leveza porosa com que chegara. O soldado não o viu rastejar, nem erguer-se do solo. Podia ter-se infiltrado na densa folhagem dos bambus, de onde espiaria o quartel à vontade, seguindo o movimento das sentinelas nos seus postos, a noite vertida sobre as casernas, as messes de oficiais e sargentos, o edifício do comando.

Decidiu apontar-lhe a arma, um tanto às cegas, de olho franzido na mira, o dedo em gancho sobre o gatilho. «Não um corpo na sua concreta forma definida», pensou. Apenas uma silhueta, talvez um corpo sem cabeça, o de um homem degolado que se transformara, por arte e destarte, num fantasma de guerra. Assim se movia o inimigo nas noites de vigia, num desafio à atenção e ao sangue-frio das sentinelas. Sem se dar a ver, para fazer crer que não faz parte da realidade alheia, da pessoa do outro.

Daí a instantes, reapareceu-lhe à frente, primeiro a gatinhar, depois a encobrir-se, a tentar camuflar-se com as franjas curvas do matagal que lhe tombam sobre o corpo. Por fim, é uma figura nítida, real, a rebrilhar em contraluz, oferecendo-se ao perigo de uma morte imediata. Agora sim, nenhuma dúvida lhe restava. Ele, sentinela, via um anjo que se extraviara da sua corte de anjos, emissário da morte, guia avançado da guerrilha. Como será isso de matar um homem? Uma coisa era entrar em combate e responder às rajadas de um grupo guerrilheiro que nunca se mostrava aos olhos do seu inimigo, e cuja morte permaneceria no anonimato, e outra, distinta, que consiste em visar um homem concreto, real, disparar sobre ele, como se atira a uma presa de caça. A morte há-de ser um assunto sério na vida de cada um. Como reagiria o

seu coração a esse acto de morte na pessoa do outro?; do outro que, desta vez, além de visível, possui afinal um corpo, um rosto humano, um coração, uma consciência de homem? Não encontra resposta a nenhuma pergunta dessa sua cadeia de dúvidas. O que o deixa ainda mais desamparado na solidão do seu posto.

Através da mira da arma, não é mais do que o tal vulto difuso que de repente se enrola sobre si mesmo, antes de se pôr em fuga. Mas tropeça na terra, segura-se às trevas, como se fosse a cair, e guinda para trás: um salto acrobático que o leva de volta ao caminho. Desaparece. Se era anjo, depenara-se todo. Perdera a sua forma de ave, o volume da plumagem, o leme da cauda, as asas. Transformara-se talvez num gafanhoto: as patas aprumadas em arco, na iminência de armar o salto e sumir-se de vez pelo capim dentro. O soldado sentiu o terror a largar-lhe uma guinada de dor nas tripas. Um gelo a introduzir-se-lhe nos ossos, na pele, no bater dos dentes. A febre da guerra aí estava, em plena noite de vigília.

«Terei de gritar de novo?»

Pensou que o dedo, independente da sua vontade, puxaria o gatilho da arma pronta a disparar; que os nervos lhe fariam tremer o dedo, sem possibilidade de controlo. O medo da morte, o pânico de morrer sozinho no posto, enquanto os outros dormiam nas suas camaratas, fazia dele uma outra espécie de prisioneiro de guerra. Um vencido de véspera, um rendido por antecipação, um pobre de espírito. Porém, ter de assestar uma metralhadora, do alto da sua vigia, e apontá-la a essa coisa difusa – homem, anjo ou bicho –, seria sempre um acto superior à sua vontade. «Um gesto tão grande como a destruição do mundo», pensou. Ficar-lhe-ia de memória para o resto dos seus dias. Como o remorso dura mais do que a memória, aquele seria um morto que lhe entraria pela morte dentro. «Além disso, há o pavor do próprio grito a ecoar dentro de mim: acordará o silêncio e o mistério da noite,

despertará o vento da guerra na sua própria morada. Destruir as munições já encravadas no cursor da metralhadora, suspender o sono e a paz de quantos a esta hora repousam nas suas camas e no calor dos seus sonhos – é só o que me resta fazer. Ou fugir, rendido, de braços no ar, acusado de um crime, de mil crimes, de todos os crimes de guerra, possíveis ou imagináveis.»

Decide esperar um pouco, a ver se ele reaparece e se mostra à mira da sua arma. Brando, o grito recua e escorre para dentro de si. É o silêncio do avesso: beber o seu cálice de veneno ou fugir, abandonar o posto, como se desertasse da guerra, abrindo portas à destruição da sua vida futura? Isso não. O futuro espera-o lá longe, intacto, no caminho da subida para o alto, até ao cimo de terra. O tempo não vai além de um presente contínuo, sem passado nem futuro. Deve voltar a centrar-se na sua missão, sem dúvidas existenciais nem mensagens ditadas pela consciência. Há que ousar a morte do outro, do *terrorista*. Apanhá-lo na próxima tentativa de fuga. Disparar uma rajada, matar de vez esse homem que continuava ali, camuflado pelo verde da erva alta. Terá de ser quando o vir empinar-se de novo, a ensaiar um voo dali até ao motor da luz, com o propósito de o destruir à granada. Seria esse, sem dúvida, o sinal a dar aos outros: pôr o quartel às escuras através de uma explosão. Os guerrilheiros que o seguem de perto pelos trilhos do mato lançariam então o ataque final. De tudo, o pior continuavam a ser as mãos trémulas.

– QUEM VEM LÁ? – repetiu.

Corriam ao longo da arma montada sobre o seu tripé, no alto do posto. Suavam daquele visco de resina que dela se despejava, inundando-lhe de gordura os dedos inchados pelo frio. Nem óleo nem óxido de ferro: «Resina», pensou. Uma limalha corrosiva como lixa. A lembrar o sarro da boca dos mortos – as vísceras retalhadas e infelizes, separadas do corpo, a misturarem-se com a terra, a erva, o pó do caminho. Lavado em suor, desviou o olhar

por um instante. Mirou o espaço à sua volta. Em silêncio, o olhar pedia socorro à vastidão da paisagem, sob um quarto de Lua que lançava sobre o quartel não mais do que a chama mortífera de uma vela. O rocío branco do cacimbo forrara as folhas de zinco que telhavam os edifícios. A humidade escorria das paredes, descamadas de tinta, batidas pelas grandes chuvas do Norte. Voltou a procurá-lo na noite, com a mão em pala sobre os olhos. Viu-o de repente, todo ele, outra vez de cócoras. Perfeitamente pousado no solo. A cabeça pendente. Talvez se limitasse a espiá-lo sem olhar para ele, a segui-lo com o ouvido, ansiando por saber se a sentinela dera ou não pela sua presença, se passara sem ser visto ou não no exame da sua vigilância. «Só os crocodilos», pensou o militar, «nos espreitam assim. Os olhos vidrados à superfície da água. Demónios quietos, mudos, sempre em levitação.» Voltou a gritar:

– QUEM VEM LÁ?

E a voz já não era a dele. Enchera-se de pânico. Do mesmo que deve assombrar os condenados à morte perante o pelotão de fuzilamento. Tão-pouco será dele o dedo que agora tira a folga ao gatilho. Devagar, até o sentir no limite da resistência, pronto a disparar. Quem estará dentro do seu corpo, tomando-lhe os nervos e as forças, tão à beira do mal supremo, da hora de matar ou morrer? Agindo fora da sua vontade, o dedo pressiona e força a mola do gatilho. A arma desfecha-lhe um coice no ombro, e logo outro e outro, e mais outro. Tudo o que existe em frente é varrido pelo fogo de rajada. O soldado vê o capim, os bidões com o combustível para o gerador da luz, o ninho dos morteiros que asseguram a defesa do quartel, a picada Pemba e a tonga do café, a serem bombardeados e como que decepados pelo fogo da sua arma. Sabe que nada depende da sua decisão. Os tiros acontecem por si, tal qual o vento, as nuvens, o escuro da noite, a luz do dia. As pontas incendiárias das balas tracejam a escuridão com os

seus raios de morte. O mundo está sendo metralhado ao som de uma máquina de costura, com o eco dos seus pespontos, saltos e ressaltos, seguido de travagens e cliques bruscos, que parecem funcionar no vazio de um sonho.

Súbitas cabeças apareceram à porta das casernas. «Apenas rostos à espreita», pensou. Farejavam a noite por dentro, pensando decerto que chovia. Nos olhos, os sinos da angústia e do medo, calados, pensativos, como se se limitassem a olhar a chuva lá fora. Outros, ainda confusos e pesados de sono, saltavam das camas, sem entender nada do que ali se passava. Foi por mero instinto que deitaram mão às armas e cartucheiras ensarilhadas pelos quatro cantos da caserna e saíram a correr. Ao longe, uivavam cães, cegos e assustados, num alvoroço. Ladravam por tudo e por nada nas longas madrugadas da Calambata, mas agora os seus latidos faziam parte da normalidade do mal. Quanto aos rapazes, corriam já, dobrados pela barriga, como se pretendessem agachar-se e escapar ao tiroteio, cruzando a parada em movimento de ziguezague até às trincheiras. Ouviam-se os estalidos cortantes dos manípulos a destravar a culatra, a injectar a primeira bala na câmara. O som das botas em corrida no areal da parada parecia resvalar no espaço que os separava dos abrigos cobertos por troncos e folhas de zinco.

Alguém desligara o gerador de electricidade. De modo que um silêncio branco de mortos na escuridão, silêncio de mortos-vivos em fuga e de cães que latiam à toa, atravessando a noite, fechou todas as portas e janelas que até então davam para fora dela, sem estrelas, com o seu quarto de Lua enforcado na quase total ausência de luz. As Bredas dos quatro postos de sentinela entraram em acção, seguidas por dezenas de armas ligeiras. Varreram morros e matas. Atingidas pelas feiras das balas, as corcovas da terra, recebendo no ventre o sopro, a mordedura, a cólera dessas abelhas incendiárias, pareceram despertar do sono

pesado do mundo. Além de profanada, a catedral da noite sugeria a imagem de um templo saqueado pelos ladrões eternos do silêncio e da paz que nos vêm do sono. Como num paradoxo, agora tudo lhe parecia estranho e familiar: os fios magnéticos do corpo a largarem-lhe descargas de suor que lhe escorriam de alto a baixo, através da coluna vertebral; a solidão das balas e a vibração dos disparos, numa prática com séculos e milénios de existência na memória dos homens. De forma que nada deixava de ser o puro mal, a mera repetição, um eco da história de cada um na sua guerra.

«Começa aqui o Inferno», pensou ele, de sentinela ao livor frio que lhe passava pelo rosto, à perplexidade com o que ia acontecendo à volta e na ordem dos sentidos. O Inferno numa noite surda e pesada nos seus metais de morte. Estala como a lenha verde das queimadas; chega no sopro subterrâneo das pedras, rebenta por asfixia no centro dos morros de Calambata, ao Norte. E o pobre dele a pensar:

«Morrerei em África, morrerei, minha mãe. Vou de certeza morrer em África.»

Segundo um plano previamente traçado, a defesa do aquartelamento impunha disciplina quanto à ocupação das trincheiras. As secções de cada pelotão, munidas dos seus morteiros e bazucas, deviam agachar-se nos abrigos que corriam na traseira dos edifícios, onde eram as messes, as casernas, a cozinha, a secretaria, o posto de socorros e o gabinete do comandante. Aí teria toda a gente de esperar a ordem e a autorização para disparar. A secção dependia do comando de um furriel, que por sua vez agia sob o mando do alferes, e este do capitão. O certo é que tal esquema era logo esquecido: cada um corria e saltava e voava de onde se encontrava, à procura da primeira vala onde pudesse abrigar-se. Deitados ou de joelhos frente ao rebordo de apoio para a espingarda metralhadora, despachavam rajadas para fora, às cegas,

para intimidar os atacantes. Os que ainda possuíam granadas punham-se a descavilhá-las antes de as atirarem o mais longe que pudessem. Rebentavam daí a instantes, por entre o ruído abafado da terra ferida pela explosão. Queriam lá eles saber de planos e esquemas estudados para a defesa do aquartelamento!

Assim que os graduados apareceram a berrar ordens e contra-ordens, viram que nenhuma regra de combate fora posta em prática com artes e efeitos de eficácia. Os rapazes disparavam ao acaso para o exterior, embalados pelos sons da artilharia. Dispensavam-se de ouvir os gritos, de entender os gestos, a cólera dos comandantes de grupo. Os graduados acabavam por cair em si, ante o absurdo da situação. Nada ali valia a pena. Nem mesmo eles resistiam à tentação de voar para o primeiro buraco onde pudessem enfiar a cabeça e aí esperar o evoluir do caos. Cada homem chamava a si o dever de salvar a pele, ante os perigos inglórios da guerra. Não se tratava de resistir ordenadamente à destruição das frágeis construções daquela cidadela do vício, a que todos tinham sido condenados. Onde o tédio sem fim dos dias longos confundia o ódio com a bebida, o ócio com a tristeza, a preguiça com a esperança do regresso a casa. Uma nova eternidade levava-os a riscar os dias num calendário de parede, afixado à cabeceira da cama, com o tempo parado num mesmo interminável dia do mês. Contavam cada segundo, cada minuto, cada hora, cada noite de um ano e de um outro que ainda tinham pela frente. Em comissão de serviço e em guerra numa África que não era o seu mundo, nem sequer o seu continente.

O Seixel, o Tenda, a Lixeira e restantes morros em volta iam-se habituando a receber o tiroteio, noite sim, noite não. Limitavam-se a devolver, como se fora um eco, o pesponto de umas máquinas de costura que afinal eram armas e que às escuras urdiam a hora de uma morte sem sentido. Não era sequer possível ouvir a voz nasalada do capitão Marinho, nem os gritos dos alferes, seus

reverentes e zelosos mastins, cujas ordens se perdiam na surdez de um inferno em crepitação. Cada um procurava apenas a sua segurança, um sítio onde pudesse respirar a última sensação do corpo por inteiro; um ninho escavado na terra, e no qual o corpo à beira da fragmentação pudesse ter a última ilusão de pertencer a um ventre materno. Na guerra, sabia-se, a melhor tática de defesa consistia na iniciativa do ataque. Isso devia estar escrito algures, num qualquer livro militar, e posto em prática por todas as estratégias de combate; mas de nada lhes adiantava saber essas e outras coisas que haviam aprendido, tão-só para decorar e depois esquecer.

Os que se tinham entrincheirado por detrás das messes viram o capitão passar na direcção do posto. Não puderam reprimir entre si um risinho de troça. De cabelos esgrouviados, aos saculões dentro do pijama excessivamente curto, passajado pelos cerzidos, coçava os testículos e levava os dedos ao nariz. Nada nele parecia natural. A visão era a de uma ave a que tivessem arrancado as penas do lombo. Alguém devia tê-lo despido dos seus galões; despido até à nudez ridícula e aflita dos condenados malditos. A sua voz, espremida e medrosa, penetrou por fim numa curta brecha do tiroteio e logrou despedir uma ordem esganiçada de cessar-fogo, mais apressada do que autoritária, sem luz nem glória, e talvez dorida da própria ineficácia:

– Ei, rapazinhos! Armas ao alto, apontadas para o ar, rapazinhos!

Viram-no subir ao posto de sentinela, onde se haviam iniciado os disparos: estava um velho, o capitão. Recriminativo, quezimento, rezingão, com um queixo de avô apontado para a frente, o corpo cada vez mais arqueado, pouco firme, todo ele emagrecido até ao osso. Apareceu no alto da torre, recortado pelo palor lunar contra a escuridão exterior. Pôs a mão atrás da orelha para conseguir escutar a sentinela a pô-lo ao corrente do sucedido:

– Eu vi um vulto, meu capitão; um vulto, um vulto, ali abaixado atrás, junto ao motor da luz. Como se estivesse a cagar, meu capitão. Fiz fogo sobre ele, e o vulto lá se foi embora a correr por essas matas abaixo...

O capitão alvoroçou gestos e espantos no ar, subitamente colérico, porque lhe parecera inevitável pensar na condição de um menino assustado, de um inocente, um tropa que se espavorira no seu posto de sentinela e acabara por cruzar-se com um dos seus fantasmas de guerra.

– Um vulto? Mas que vulto era esse, meu rapaz?

– Um homem grande, agachado no capim, como se estivesse a cagar. Eu vi-o, dei-lhe fogo, e o vulto, meu capitão...

Logo tudo se destravou nos seus nervos. Estando ele a dormir tão bem, tão necessitado de um descanso, e aquele menino da mamã a encher-se de visões, a inventar guerras, a avistar inimigos num terreno de capim crivado de minas e armadilhas! Uma cólera fria, que habitualmente nele funcionava de esguicho e em doses certas, tornou-se de súbito opiniosa:

– Olha lá, ó animalzinho! E tu não foste homem para lhe ferres um tiro nos miolos, não? Ou estavas a dormir? Ora diz lá.

Que não, nada disso, meu capitão. Acordado e de olho bem vivo, isso sim. O soldado mordida as mãos trémulas, a resina nervosa que se despegava da sua arma, pensou, o terror das noites sem fim, só árvores e morros em volta, estando prestes a chorar e com muita vontade de assentar um murro na ponta daquele nariz de avô:

– Estava escuro, meu capitão, não era fácil abatê-lo assim.

Desdenhoso, o superior arremedou a voz de flauta do soldado: *Estava escuro, meu capitão, não era fácil abatê-lo assim* – e esboçou um maneirismo de escárnio, uma farsa de atitude cuja intenção consistia em desacreditar o homem e pôr em causa o zelo e a versão da sentinela no seu turno.

– Além disso – acrescentou o soldado –, saiba o meu capitão que os *turras* nem sempre dão licença para que a gente os mate assim, sem mais...

– Caluda, ó militar! Quando um superior fala contigo, baixas a garupa, nosso pronto. Olha lá pela tua vida, rapazinho!

Nisto, ficaram ambos estáticos, de boca aberta: o foco de uma lanterna de bolso emitia sinais de luz, breves, intermitentes, algures nos morros do Seixel. Após uma paragem de segundos, repetiram-se os sinais, com a cadência de um código. Fosse outro o cenário, podia tratar-se de um caçador nocturno, com a sua lâmpada de encandear a vaca brava, o burro, o porco do mato, antes de sobre eles despedir a sua flecha ou o tiro certo da carabina. Mas nada daquilo tinha a ver com trabalhos de caça. O capitão sentiu um arrepio, um frémito a escorrer-lhe pela espinha. Luzes à deriva na noite de Calambata, às três da madrugada?! Só podia estar-se na iminência de uma nova ofensiva. Tinha portanto de agir, passar depressa à acção. Falando entre dentes, disse com um assomo de desânimo na voz:

– Pois aí estão eles, os malditos *turras*! Lá voltamos nós à missa da guerra!

Acto contínuo, dezenas de metralhadoras ligeiras, apontadas ao foco luminoso do Seixel, uniram-se às rajadas das quatro Bredas dos postos. Bocas de chamas em crepitação, das quais saíam, numa torrente, balas incendiárias que pareciam lançar para os céus de Calambata o estrondo de um vulcão em actividade. O capitão voltou a admitir que era chegada a sua hora. Impossível controlar a loucura guerreira dos seus homens, conter o pânico que os levara a disparar contra um ataque imaginário. Tinha de evitar que gastassem, à toa, todo o arsenal de munições que havia sido distribuído. Armados por sua conta e risco, quem os demoveria de uma tal euforia bélica cujo comando lhe fugira, achando-se eles seguros e em vantagem sobre o inimigo? Banzado

com a sua indecisão, admitiu que, tal como os demais, também ele não passava de um animal de instintos. O da sobrevivência. O do regresso a casa e à família. E porque também ele possuía um corpo e uma vida para salvar da guerra e das suas ameaças. Não concebia a ideia da morte num ataque ao quartel. Menos ainda que resultasse de um massacre da guerrilha, num assalto às posições da tropa, em defesa de uma África imposta como obrigatória patriótica.

Olhou o soldado de esquelha, agora sem desprezo: sim, o rapaz tinha visto um vulto. Homem, bicho, o diabo em pessoa à solta na noite de Calambata. De cócoras a um canto do posto, pusera-se a chorar. «Podia ser meu filho», pensou, sem pretender sentir pena dele, nem obrigar-se a animá-lo. «Tenho-os deste tamanho. Brincam com pistolas de plástico, das tais que esguicham água sobre quem passa lá no bairro.» Daí a nada, fisciou um segundo foco luminoso, desta vez no interior da mata do carvão, do lado oposto aos morros do Seixel. Interpretou-o como resposta ao primeiro sinal, tratando-se de um código de luzes. Aí, desvairou. Sacando a Breda das mãos da sentinela, apertou o gatilho com raiva, até a fita de munições pender e cair da arma para o chão, qual espinha quebrada a enrolar-se a seus pés. Não havia dúvida possível: estava em marcha um ataque ao quartel. Imaginar o quê? A terra, as pedras a serem rasgadas pelo tiro certo dos canhões. O zinco das casernas a voar à frente do sopro das granadas de morteiro. A morte, sem paixão nem glória, a passar de abrigo em abrigo, de vala para vala. Havia informações seguras quanto ao material de guerra fornecido ao inimigo pelas potências estrangeiras: canhões sem recuo, morteiros 81, bazucas de grande calibre e de longo alcance, instrumentos de precisão de tiro. Tudo isso os guerrilheiros traziam consigo, usando-o nas surtidas com que flagelavam os quartéis da linha de fronteira. Por vezes, as paredes de argamassa e tijolo cediam ao fogo pesado da guerrilha, sendo

reduzidas a destroços. Não sendo reconstruídos, os quartéis do Norte acabavam abatidos ao efectivo. Abandonados, as ruínas jaziam em pleno mato, entre silvas, matagais e capim. Uma desolação mortal.

Ao lembrar-se do paiol, o capitão sentiu as tripas enrolarem-se-lhe no nó cego de uma nova angústia. Todo o material de guerra fora armazenado nesse barracão de chapa, cuja segurança se resumia à ilusão de o terem construído entre edifícios, entalado por duas casernas. De modo que uma bazucada, se lhe acertasse em cheio, levantaria todo o quartel em peso, numa explosão parecida à de um balão picado por um alfinete. O capitão propusera ao comandante do Batalhão a construção de um subterrâneo, para o armazenamento daquela dotação de granadas, minas, cunhetes de balas, *rockets* e outros materiais secretos – com bombas de *napalm*, seladas a chumbo, que cheiravam a fósforo e aos óleos químicos da guerra, bem como tripés de aço para metralhadoras pesadas, morteiros, as roscas do cano de um canhão que ficou por montar. Sua excelência fechara-se em copas e em recusas burocráticas, argumentando com as carências da pátria. E não recebia sugestões nem queixas, nem ideias nem lembranças tontas, quando vindas de subalternos.

Nessa altura, a morrinha do cacimbo de África começou a desfiar-se sobre as coisas próximas e a amolecer a paisagem da noite, suspensa de um firmamento liso, vertical, como se pendesse de um fio-de-prumo. Prosseguia o fragor das armas apontadas aos morros distantes. Grandioso e cego, estava o fogo de regresso à terra, de onde um dia viera, quando o capitão se agarrou à Breda e fez com que disparasse uma nova fita de munições. Chegara-lhe uma apatia à voz e aos membros. O silvo das balas subtraía-lhe a coragem inicial. Sem ela, sentia-se na pele de um idiota. Faltava-lhe impulso para o mando. Caía numa insegurança que se confundia ou dava azo à cobardia.

Nem ele nem os outros punham de parte a hipótese de um ataque da guerrilha, embora fracassado no momento crítico. Ao sentir que o grosso das armas se ia calando por iniciativa própria e a noite de sempre voltava a rodear a ordem natural da Calambata, admitiu ter caído no logro e no desdém do inimigo. Limitara-se a ensaiar um ataque ao quartel. Caso não se tratasse de mero ensaio para acção futura, pior ainda: teria sido uma provocação. A isso, chamava-se «morder de flanco». De onde resultava evidente que os *terroristas* sabiam como e quando, e com que fim, seria oportuno voltar à acção. Tinham uma ideia sobre o futuro próximo do exército ocupante. Ficara o primeiro aviso. Daí em diante, a operação podia vir a repetir-se com conta, peso e medida. Sem mais ensaios de defesa. Agora, deviam estar a rir-se, a rir-se farto: tinham vindo de muito longe, e ainda assim viram e acreditaram. Se os *tugas* se desvairavam assim por causa de um simples piscar de luzes na mata, como reagiriam eles a um ataque a sério, à morteirada?

O capitão desceu do posto e tomou a decisão de mandar parar os tiros. Tinham diminuído tanto no volume inicial, que, ao pisar a parada, pôde voltar a ouvir os cães a latir na sanzala. Chegaram-lhe também ao ouvido os gritos das mulheres e das crianças, assim como a voz dos operadores de rádio a tentar um contacto impossível com o Batalhão. Do Cuimba, respondia-lhes um roldão de trovões e chiadeiras, no qual mergulhavam vozes longínquas que nada tinham a ver com o que se passava na Calambata. Os rapazes acabaram por atirar os auscultadores para cima da bancada e voaram para a vala mais próxima. Entretanto, o capitão aproximara-se do abrigo em frente e gritou a primeira ordem:

– Cessar fogo! Nossos furriéis, nossos alferes, acabou a guerra. Não ouviu, ó nosso cabo? Parem-me já esses tiros! Ó nossos alferes!

Nada parecia resultar. Sucediam-se os disparos no fundo das valas e nos cantos extremos do quartel. O ruído de uma das Bredas ainda em acção enrolava o som dos gritos, os espaços em branco do silêncio, o entrecruzar das vozes na noite. A ordem de cessar-fogo foi passando de abrigo em abrigo. Levava consigo berros autoritários, palmadas nas costas dos mais aguerridos e ameaças de prisão por desobediência à hierarquia militar. Por fim, o tiroteio abrandou. Só armas dispersas barulhavam ao longe, no momento em que o capitão, de mãos nos quadris e arma a tiracolo, berrou no centro da parada, tão colérico que se lhe incharam as artérias do pescoço:

– Cona da minha madrinha de guerra! Parem-me imediatamente esse fogachéu, seus coirões! Não ouviram?

Voltou-se para os alferes, que o rodeavam como acólitos, à espera de ordens. Viu que também eles se agachavam ao peso das suas ameaças. Tão frouxos, tão lerdos e apagados de ânimo, deu por si a perguntar-se para que serviam os graduados da Companhia sob o seu comando; para que prestavam eles assim, sem expediente nenhum à frente dos seus homens; e que exemplo lhes davam numa noite falsa, sem guerra nem inimigos à vista. Conhecendo bem o efeito dos seus berros, armou-se da sua ironia e disse-lhes, quase em segredo:

– E que fazem aqui ao pé de mim os senhores oficiais? Vieram desejar boa noite ao paizinho mais velho? Os nossos alferes não deviam ter mão no estardalhaço que essa bicharada está para aí fazendo? Não?!

Partiram a correr, sem dúvidas nem perguntas acerca de como lhes competia agir, indo passar palavra aos furriéis e cabos de cada secção de combate. Mais afoito do que os demais, o alferes Alexandrino voou para a trincheira do seu pelotão. Fê-lo no preciso momento em que o soldado Isidro enfiava o último carregador e ia apontar a arma ao Seixel. Cravou-lhe uma mão à volta

do pescoço. Com a outra, largou-lhe um murro que o apanhou na cana do nariz e o pôs a sangrar. Caíram logo armas das mãos de outros soldados. O espanto e a indignação deram lugar a um acesso de ódio contra o bigode, o abuso, o desplante daquele rapazinho que se fiava dos seus galões de alferes e dos diplomas que parecia trazer sempre nos bolsos – tão miúdo de corpo e de talento para comandar homens que lhe tinham posto a alcunha desprezível de *Meia-Dose*. Uma voz, que tentou disfarçar-se no escuro para não ser reconhecida, perguntou de lá com desdém:

– Não um tirinho nos miolos, meu alferes?

O primeiro soco, anónimo, apanhou-o de raspão, algures no pescoço. O alferes resvalou no chão enlameado. Tratou de renovar o impulso e saltar fora do abrigo. Mas outras mãos o agarravam pelas costas. Tentaram, em vão, imobilizá-lo contra os toros de madeira que sustentavam a cobertura da trincheira. Como lâminas a agir no escuro, deram puxões ao bigode desse rapazinho embebecido com os seus galões de alferes – e ele supôs que estava tudo ao contrário neste mundo. A farda, o posto, o cursinho de engenharia química, tudo isso chafurdava na lama da vala e fervia nela – porque o tempo, o dele, o de toda a gente, era já outro. Alguém o virara do avesso. Compreendeu-o ao sentir o impacto de um murro em cheio sobre a sua pobre cabeça, movida pelo saber dos números e das fórmulas, capaz de operar prodígios numa guerra do futuro, mas de todo inúteis no tempo presente. Não chegava a saber o que mais o atordoara, se o peso do soco no escuro, se a revolta covarde dos soldados do seu pelotão. Ao dar o salto para tentar fugir dali, uma garra rasgou-lhe o dólman de cima a baixo, na costura das costas. Mais que ofendida, a sua dignidade fora vexada. «Como quando», pensou ele, «Jesus, o Nazareno, foi coroado Rei dos Judeus não com os louros da nossa redenção, mas com espinhos; como quando», pensou ainda, «Galileu confessou em vão os seus erros heréticos e ressalvou: *Mas ela move-se, a Terra;*

como quando o senhor almirante Américo Thomaz, Presidente da República, o mais alto magistrado da nação, limpou a farda branca com o punho, pondo-se a chorar, porque os estudantes de Coimbra lhe chamaram urso, fantoche, fascista e lhe atiraram bolotas à calva, venerando frontispício da pátria.» Assim ele, alferes Alexandrino, oficial do exército português, ao galgar o obstáculo, e posto já a salvo da soldadesca, resmungou uma ameaça:

– Ah, querem brincadeira? Pois vai haver brincadeira para vocês. Da grossa.

Correu ao encontro do capitão, apresentou-lhe com veemência as suas queixas:

– Olhe que os soldados conspiram contra nós, meu comandante. Tem de intervir e pô-los de imediato na ordem, se quer evitar uma rebelião. Já não há aqui superiores e subordinados? Não se respeita a hierarquia militar?

O capitão não respondeu, nem disse nada. Voltou-lhe as costas. Com subtileza. Farto, muito farto das paranóias do alferes. Estava-se em guerra, longe de Portugal, e na guerra o curso de engenharia química era uma coisa de somenos. Quem o tem, guarde-o para depois. Até lá, anda a pé como os outros, de sacocama e espingarda aos ombros. Ofendido no seu génio e cheio de paixão, Alexandrino foi andando para a messe, cabisbaixo, e daí para a camarata dos oficiais. Antes de começar a chorar, deitado de borco sobre os cobertores, pensou em demitir-se, pedir transferência para uma outra frente de guerra, ou fugir, atravessar a fronteira – desertar. É claro que não o faria com o reles propósito da traição à pátria, antes para levar ao conhecimento de quem de direito que a subversão em África não vinha só dos desertores civis e dos *terroristas*, mas também do seio da tropa, essa ralé sem educação nem patriotismo.

Lá fora, os especialistas no tiro de bazuca tomavam lugar no extremo norte do aquartelamento. Alguém chamou também